
NAS TEIAS DA CRIAÇÃO ISAAQUIANA

Francisca de Lourdes Souza Louro¹.

A teia

Teça o tênue fio
De Penélope encantada
Solte o denso grito
De donzela que se perdeu
Derrube a bastilha
Dos íntimos receios
Adianta-te à luz
Dos teus devaneios.

Arrebente o hímen
Dos teus preconceitos
Enoveles os fios
Que não se revelam
E desvele a teia
Dos prazeres não praticados.

Se nada te causa prazer
Ateie a teia
Que ata
Este insólito encontro
Com saliva ácida
E me empoeme
Em janelas
De palavras
E me arranhe
Com unhas de língua
E me assanhe
Com promessas vagas.

O orgasmo
(caso venha)
Provavelmente
Fará

¹ Francisca de Lourdes Souza Louro é Doutora em Poética e Hermenêutica Crítica Literária pela UC- Coimbra.

Engasgar-se
Com um quente jato
De metáforas.

A teia te segura
E a poesia te cambaleia
No meio dessa geometria
Ergo versos
Para celebrar
Uma faustosa ceia...

A teia não é tudo
A teia não é nada!...
A poesia sim
É formada
Pela exalação
Da alma do poeta.

O poeta
Embriaga-se
É com palavras.

(Isaac Ramos)

Resumo: O poema, A teia, de Isaac Ramos, despertou interesse logo que foi lido. A presença das palavras, a disposição dos sentidos, as possibilidades do encontro do que está escondido, fez-me trilhar nas malhas da teia enredada da poesia. O caso de Isaac Ramos, por exemplo, é diferente. Não só escreve bem, como escreve com elegância o mundo dos sentidos que a poesia pode evocar. Utiliza o verbo inicial de forma imperativa e evocativa e tem função de efeito, além do tom que, por todo texto, faz proliferar vozes interiores de outros poetas já narradas em tempos ilhas. Recorre aos elementos homéricos, franceses, e mais, o arguto poeta, cria palavra como a que é muito original: empoeime. Com esta palavra o tema apresenta-se com uma noção nova que, igualmente aparece nas poesias antigas. Como em Camões? Em Pessoa? Tantos. Olhar a poesia de Ramos “em janelas de palavras”, é olhar o céu verbal que se povoa sem cessar de novos astros, o mundo poético, com os olhos voltados para o mundo que só se mostra em palavras: a poesia.

Palavras-chave: Poesia. Teia. Palavras. Leitor. Intertextualidade.

Abstract: The poem, A Teia, From Isaac Ramos, created a extraordinary expectation at the moment it was read. The presence of words, the meanings, the possibilities of something that is the o meet, written in a way that the meanings really show us how elegantly the poem tells us. It uses the verbs tense in the imperative form which causes strong effect, besides the tone that, throughout the time, spreads the utter voices of other poets already spoken in other times. It Homeric and French elements, thus the poet create words as noted the original text. With that word, the theme presents a new notion which is also in old poems. As in Camões? As in Pessoa? Many others. Observing the poem of Ramos “em

janelas de palavras”, is like observing a Sky verbally inhabited with news stars, a poetic world, with eyes staring a world that can only be shown by words: poetry.

Keywords: Poetry, Cobweb, Words, Reader.

Tomemos a palavra TEIA como metáfora da construção poética, mas, primeiramente, recorreremos ao dicionário Houaiss² para explicar o significado da palavra. “Teia tecido formado pelo entrelaçamento dos fios no tear; trama; qualquer estrutura semelhante a essa trama; rede tecida pela aranha”.

Como se vê, Ramos carrega a poesia de significados, de intertextualidades pois, sabe-se que o trabalho de tecelagem é um trabalho de criação e recriação, um parto, quando o trabalho está pronto o tecelão (poeta) corta os fios que o prendem ao tear (memória) para começar nova arte (texto). Tecelagem poética é a armadilha filosófica que encanta o leitor com as possibilidades de ser, parecer, acontecer. Lembrei-me do conto “A moça Tecelã” de Marina Colasanti que também, na mesma esfera, remete-se a prática da feitura do texto. Tecer remete-se ao plano de criação, fazer sair de sua própria substância (poética, a palavra) exatamente como faz a aranha, que tira de si própria a sua teia.³

O verbo no imperativo é a forma dominante na poesia e como tal funciona como uma advertência que o verbo exige: “Teça”, tem característica de ordenança. O leitor se sente impelido para o ato de construção, andar pelos fios do tecido poético é entrar no enredado círculo que a palavra teia nos conduz. A imagem, obra pura da imaginação absoluta, é fenômeno do ser, um dos fenômenos específicos do falante. E

² HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

³ CHEVALIER, Jean; GHERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Trad: Vera da Costa e Silva ET all. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 2ª Ed. 2ª Reimpressão. José Olympio. 1990.

para a bela palavra, coisa bela se dirá sobre ela. Teia soa gravemente, o ser da profundidade, ela faz o leitor caminhar, correr, pular sobre as teias da simbologia que a palavra evoca.

Apesar de não desenvolvermos o texto em sua feição estrutural não se pode deixar de apresentar sua ordenação e esquema de como está ofertado: a) materiais de conteúdo; b) formais, escolha de forma de verso e poesia; c) Linguístico e estilístico; d) a essência espiritual, as ideias, o conteúdo filosófico.

As imagens são, por suas próprias estruturas, multivalentes⁴ Eis que surge odisseicamente “Penélope encantada” que, na tradição grega, tecia a mortalha do sogro durante as noites, quando o esposo Ulisses, estava voltando da guerra contra Tróia. A incorporação desse passado intertextual, como elemento estrutural constitutivo da ficção, funciona como uma marcação da historicidade homérica que consagra a perícia do poeta.

Como se vê, o discurso poético não é isolado, ainda que tenha sua especificidade: ele participa de um plano determinado da produção verbal, o dos discursos constituintes, categoria que permite melhor apreender as relações entre a literatura, filosofia, ciência.⁵ Todo discurso moderno é sempre recheado de informações dos antes relatados: os intertextos da história assumem um status paralelo na reelaboração paródica do passado textual do mundo e da literatura.

O traço mais saliente do poeta é falar do orgasmo como metáfora de katarse poética, gozo sentido pelo fazer, pelo tecer em palavras uma teia

⁴ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.* Trad. Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

⁵ MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário.* Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

enredada de sentidos. Usa de fraturas textuais e re-constrói o poema. Com a questão da exatidão da memória, do papel que desempenha e das limitações e percalços e, as verdades de outros poetas nas suas lembranças, tudo do texto se insurge como novo, contemporâneo.

O poeta escreve, e aceita sujeitar-se ao código enganador, no entanto, restitui uma certa mundanidade do já dito e cria e recria os acontecimentos a partir do instante que diz, que tece a cronologia, com base em fracos laços e compõe a causalidade segundo um interesse moral. E mais, socializa com outros e com o leitor, fazendo participarmos e substitui a verdade problemática por uma verossimilhança segura, sua.

A teia não é tudo / A teia não é nada!... / A poesia sim, percebe-se que a todo instante a metapoesia, uma preocupação em dialogar o texto com o próprio texto. Poesia-imagem? Poesia-conceito? O exercício hermenêutico faz-nos supor que vigore a coerência interna entre as imagens que constituem a obra poética.

Essa procura de relações significativas é a alma da compreensão que Croce louva como Estética. E, no poema, nada pode ficar “escondido, alusivo, lacunoso ou avulso”⁶, daí se poder observar a beleza na feição com começo, meio e fim, o que pode ser traduzido como Belo, uma vez que a “beleza não é palpável sem as palavras”⁷. O começo anuncia o tema, o meio o enuncia e o fim remataria ou recapitula o todo, e isto é visível em A Teia de Ramos.

A poesia tão amplamente discutida por Aristóteles que a designou como *Mythos*, Horácio como *Forma*, ainda hoje pode-se aceitar a explicação

⁶ BOSI, Alfredo. Leitura de poesia: Sobre alguns modos de ler poesia:: memórias e reflexões. São Paulo: Editora Ática, 1996.

⁷ PAZ, Octavio. O arco e a Lira. Trad. Olga Savary. São Paulo. Ed.Nova Fronteira, 1982.

dada por Soares Barbosa em 1971, no seu comentário à *Arts poética* de Horácio. Diz-nos ele “a fábula, chamada Mythos e por Horácio *Forma*, é, segundo Aristóteles, Poética, cap.VI, a “composição das coisas”, i.e, a organização estrutural e plano geral de todas as partes numa ação em ordem e formar dela um todo belo e perfeito⁸.

Daí se perceber e dizer que a poesia **É formada / Pela exalação / Da alma do poeta. / O poeta / Embriaga-se / É com palavras**. Estes versos finais deslumbra um convite à interioridade do poeta como se constata na sequência destes outros versos; **O poeta / Embriaga-se / É com palavras**. Nestes, a instância primeira, remete-nos; a arte de compor com palavras a invenção mais perfeita da natureza humana, a poesia. Este exercício da escrita que dá ao poeta, a completude do EU, emoção de toda ordem que concernem ao âmbito do extensivo, um compasso entre a natureza do objeto referido (os estados mentais) e o instrumento (a linguagem) para expressá-los, é nisso que reflete a interioridade humana.

Os sons da poesia são tão intensos e expressivos, uma tentativa de aumentar a acuidade sobre os fatos e que ocupam uma fração significativa de literatura da ciência experimental e da observação. É a extensão de nosso conhecimento que se mostra reveladora da natureza e das coisas, como nestes poucos versos que apresentamos: **Teça o ténue fio / Ateie a teia / Que ata / A teia não é tudo / A teia não é nada!... METÁFORA** é a chave de todo o texto. O traço estilístico está na omissão de artigos está por todo poema, isso é a enunciação do próprio EU (eu sou).

No uso do substantivo **teia** está a força de subordinar a tecitura narrativa e, de certa forma, subordinar as outras classes gramaticais. Tem-se

⁸ KAYSER, Wolfgang. Análise e interpretação da obra literária Trad. Paulo Quintela. Coimbra 1976.

nesse estilo caracterizado por tal predomínio do substantivo o “estilo nominal” e opõe-se por este o “estilo verbal”. Pode-se dizer que em Ramos há um estilo goethiano.

O poema constrói o povo porque o poeta remonta a corrente da linguagem e bebe na fonte original. Ao proferir a palavra que se “empoema”, todos os indícios nos conduz firmemente à conclusão de que estamos em presença de uma obra romântica.